

**O DIÁLOGO ENTRE AS DIRETRIZES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E AÇÕES EXTENSIONISTAS NA ÁREA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**  
**THE DIALOGUE BETWEEN THE UNIVERSITY EXTENSION GUIDELINES AND EXTENSION ACTIONS OF THE YOUTH AND ADULT EDUCATION AREA**

MOURA, Ana Paula Abreu<sup>1</sup>

**RESUMO**

Este artigo se constitui como uma produção reflexiva sobre a importância do papel desempenhado pela Extensão Universitária no processo de formação inicial de graduandos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nele, buscamos construir um diálogo entre as Diretrizes da Extensão Universitária – Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade; Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão; Interação Dialógica; Impacto na Formação do Estudante; e Impacto e Transformação Social –, formuladas pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (2012), e as experiências vividas nos espaços da Extensão Universitária. O artigo tem como objetivo problematizar três situações, sistematizadas a partir da fala de estudantes de graduação e do desenvolvimento de ações extensionistas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Diretrizes da Extensão Universitária; Processos Formativos; Educação de Jovens e Adultos; Democratização do conhecimento; Creditação Curricular da Extensão.

**ABSTRACT**

This article constitutes itself as a reflexive production about the importance of the role played by University Extension in the initial formation process of undergraduates at Universidade Federal do Rio de Janeiro. In this paper, we seek to build a dialogue between University Extension Guidelines – Interdisciplinarity and Interprofessionality; Teaching-Research-Extension Indissociability; Dialogic Interaction; Impact on the Student Formation; and Impact and Social Transformation –, formulated by the Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (2012), and the experiences lived in the spaces of University Extension. The article aims to problematize three situations, systematized from the speech of undergraduate students and from the development of extension actions.

**KEYWORDS:** University Extension Guidelines; Formative Processes; Youth and Adult Education; Knowledge Democratization; Extension Curricular Creditation.

<sup>1</sup> Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Rio de Janeiro, RJ. e-mail: anapaulaabreumoura@gmail.com



## **INTRODUÇÃO**

As reflexões em torno da formação inicial desenvolvida na universidade, a partir de suas três dimensões – Extensão, Ensino e Pesquisa – apontam a Extensão Universitária como um espaço privilegiado para a vitalidade da construção da identidade docente, pois ela não só propicia a vinculação das ações extensionistas às outras duas dimensões da universidade como também possibilita romper os muros da universidade e avançar na democratização do saber acadêmico. Por meio dela, esse saber retorna à academia, testado e reelaborado, construindo, assim, uma relação dialética entre teoria e prática.

O importante papel que a Extensão pode cumprir na formação dos graduandos já foi apontado na meta 23 do Plano Nacional de Educação 2001-2010, Lei Federal nº 10.172 (BRASIL, 2001). Essa lei coloca que, na implantação do Programa de Desenvolvimento da Extensão Universitária, as instituições de Ensino Superior devem assegurar que, no mínimo, 10% do total de créditos exigidos para a graduação seja reservado para a atuação dos alunos em ações extensionistas.

O Plano Nacional de Educação 2014-2024, aprovado pela Lei Federal nº 13.005 (BRASIL, 2014), reafirma o compromisso com a inserção da Extensão Universitária nos currículos de graduação e, em sua meta 12.7, indica que as instituições de ensino superior devem “assegurar, no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social”. Podemos identificar que o PNE vigente, vai além do Plano anterior e avança na concepção de Extensão Universitária, ao indicar como prioridade de atuação as áreas de grande pertinência social.

Seguindo, as recomendações dos Planos Nacionais de Educação, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) aprovou a resolução CEG 02/2013 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2013), que regulamenta o registro e a inclusão das atividades de extensão nos currículos dos cursos de graduação dessa universidade. As ações extensionistas destacadas pela resolução como passíveis de creditação curricular são programas, projetos, cursos e eventos.

É importante salientar que a creditação exige que o graduando seja membro da equipe de execução da ação e não apenas participante. Diante disso, a Extensão Universitária passa a ser obrigatória e tende a se ampliar e a se consolidar nos diferentes cursos de graduação da UFRJ.

Em âmbito nacional, num esforço em conceituar a Extensão Universitária, o Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX) a define como um “processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade” (FÓRUM, 2012, p. 28).



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.38734

Além disso, o FORPROEX indica as diretrizes a serem seguidas no desenvolvimento das ações extensionistas: Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade, Interação Dialógica; Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão; Impacto na Formação dos Estudantes e Impacto e Transformação Social.

Frente às questões colocadas, o presente artigo busca refletir sobre como, através de suas diferentes ações, desenvolvidas sob uma perspectiva interdisciplinar, o Programa Integrado da UFRJ para a Educação de Jovens e Adultos articula as três dimensões da universidade – ensino, pesquisa e extensão – na formação do docente da EJA, buscando produzir conhecimento social e cientificamente relevante e torná-lo acessível aos diferentes sujeitos sociais.

Além disso, as ações do Programa permitem o atendimento às diretrizes da Extensão Universitária estabelecidas pelo FORPROEX (2012), visando ao seu fortalecimento e a sua institucionalização.

### **PROGRAMA INTEGRADO: ESPAÇO DE CONSTRUÇÕES E DIFERENTES APRENDIZADOS**

A Extensão Universitária é dinâmica, é viva e é vida. Através dela podemos romper os muros que cercam a universidade, apartando-a dos demais setores da sociedade, e “oxigenar” não só os saberes acadêmicos como também as práticas pedagógicas. Nela podemos aprender com o diferente e também com o divergente.

Cabe ressaltar a dificuldade que isso representa, pois, lidar com o diferente, com aquele que até deseja alcançar objetivo semelhante, mas opta por caminhos distintos, é relativamente tranquilo. Porém, lidar com o divergente, que tem ponto de vista discordante, oposto, confronta-nos e exige de nós um esforço ainda maior na construção das ações extensionistas.

A inserção do graduando na Extensão Universitária durante o processo de formação inicial se alimenta dessas características, que acabam por fortalecer o currículo de graduação e constituir a identidade docente dos licenciandos. No Programa Integrado, são muitos os momentos em que é possível acompanhar o crescimento acadêmico e pessoal de graduandos que, na atuação em ações extensionistas, mostram a potencialidade de novas construções e diferentes aprendizados no processo formativo.

Em 2018, o Programa que foi criado nos meses finais do ano de 2003<sup>2</sup> como uma iniciativa da Pró-Reitoria de Extensão, articulada a quatro unidades acadêmicas

<sup>2</sup> Quando surgiu, a ação extensionista foi denominada “Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos do bairro Maré”. Já no segundo ano de existência, com a ampliação de suas ações para comunidades de outras localidades, o programa teve seu nome modificado para “Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos de Espaços Populares”. Posteriormente, a partir da ampliação de suas ações no decorrer dos anos e da ampliação dos espaços de atuação, o programa recebeu o nome de “Programa Integrado da UFRJ para a Educação de Jovens e Adultos”.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.38734

– Faculdade de Educação, Faculdade de Letras, Instituto de Matemática e Escola de Serviço Social – completou 15 anos de existência.

Desde sua gênese, o programa conta com dois fortes pilares que potencializam suas ações e permitem contribuir para o atendimento da diretriz Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade. De acordo com o FORPROEX, “o suposto dessa diretriz é que a combinação de especialização e visão holísticas pode ser materializada pela interação de modelos, conceitos e metodologias, oriundos de várias disciplinas e áreas do conhecimento” (FÓRUM, 2012, p. 31-32).

Nesse sentido, a própria constituição do Programa já contribui para o atendimento à diretriz, não só por a ação contar com profissionais e graduandos de diferentes áreas de conhecimentos como também pela integração dessas áreas no planejamento de cada ação desenvolvida.

A presença de alunos, técnicos-administrativos e docentes em suas ações nos permite construir a ação a ser desenvolvida, de múltiplos lugares/tempos, além de favorecer a incorporação das discussões presentes no ensino e na pesquisa, avançando para a Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão.

A criação do Programa buscou atender ao apelo de representantes de moradores de comunidades do bairro Maré que, de posse do Censo Maré 2000<sup>3</sup>, (CENTRO, 2003) que indicava o índice de 7,9% de pessoas com idade superior a 15 anos ainda não alfabetizadas, o que correspondia a 10.441 moradores, buscou apoio da universidade para promover o aumento do número de pessoas alfabetizadas na população. Ao aceitar o convite, a universidade teve como primeiro aporte financeiro o Programa de Apoio à Extensão Universitária – PROEXT 2003 – da Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação – SESu/MEC.

É importante salientar essa outra característica do Programa de Extensão: ele foi criado para atender a uma solicitação de moradores de comunidades do bairro Maré e não a um desejo unilateral da universidade. Na ocasião, diante do apelo, a universidade viu na iniciativa a possibilidade não só de estreitar o diálogo com as comunidades do bairro Maré, para construções de ações coletivas, mas também a possibilidade de oportunizar atuação em ações extensionistas para estudantes de graduação, como previsto no Plano Nacional de Educação em sua meta 23 do capítulo da educação superior – lei nº 10.172 (BRASIL, 2001), além de aprofundar ações na área de alfabetização de jovens e adultos, através da construção de materiais e novas metodologias.

O diálogo com a comunidade vinha ao encontro de outra diretriz da Extensão, a Interação Dialógica, que desafia cotidianamente àqueles que buscam construir

<sup>3</sup> O Censo Maré foi elaborado pela Organização Não Governamental Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM), com o apoio do Instituto Pereira Passos (IPP), do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) e da Escola Nacional de Ciência e Estatística (ENCE), no período de junho de 2000 a junho de 2001. A iniciativa tinha como objetivo conhecer melhor a realidade local e, ao mesmo tempo, desmistificar estereótipos e preconceitos.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.38734

coletivamente um mundo menos desigual, mais justo e solidário. Assim, a construção coletiva envolve ouvir o outro, dialogar com o outro. Com Paulo Freire (1987), vemos que, ao dizer a palavra, ao pronunciar o mundo, o homem o transforma, fazendo com que o diálogo assim se imponha como caminho, para que os homens ganhem significação enquanto homens. Segundo o autor:

Por isto, o diálogo é uma experiência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes.

Não é também discussão guerreira, polêmica, entre sujeitos que não aspiram comprometer-se com a **pronúncia** do mundo, nem com buscar a verdade, mas com impor a sua.

Porque é encontro de homens que **pronunciam** o mundo, não deve ser doação do **pronunciar** de uns a outros. É um ato de criação. Daí que não possa ser manhoso instrumento de que lance mão um sujeito para a conquista do outro. A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro. Conquista para a libertação dos homens. (FREIRE, 1987, p. 79, grifos do autor)

O diálogo, assim, constitui-se como peça fundamental na realização de ações extensionistas que se pretendem plurais, que buscam romper com a ideia de que a universidade é o único espaço onde o saber é produzido. Não se trata de estender a produção acadêmica aos demais setores da sociedade. Trata-se de falar *com* e não falar *para*, o que implica em não só dizer a palavra, mas também ouvir o outro, não por cortesia, mas por entender que o que ele tem a dizer pode, de fato, trazer contribuições para ratificarmos ou retificarmos o processo educativo que está sendo desenvolvido.

Essa perspectiva pressupõe não só a democratização dos saberes acadêmicos, mas, acima de tudo, o reconhecimento de saberes construídos em outros espaços/tempos que não a academia. O que impõe a humildade, que exige coragem e confiança no trabalho que desenvolvemos, além de envolver também a construção de formas efetivas de participação dos diversos sujeitos. Nesse sentido, colocar em diálogo o saber acadêmico e o saber popular poderá resultar na construção de um novo saber.

Retomando as reflexões sobre o papel da Extensão Universitária na formação inicial dos futuros docentes, destacamos a contribuição de Rocha (2003), quando o autor aponta que:



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.38734

Não se pode esquecer que a extensão universitária sela um compromisso em maiores ou menores proporções, da universidade com a sociedade civil, com os movimentos sociais, e assim sendo, é importante que se lembre não só de levar a instituição de educação superior ao seu meio, mas de trazer a instituição universitária para um diálogo mais profundo e permanente, com os atores sociais que com ela interagem. (ROCHA, 2003, p. 23)

Diante da reflexão trazida por Rocha sobre o compromisso da universidade com outros setores da sociedade, destacamos três situações para refletirmos sobre a vitalidade da Extensão Universitária em diferentes processos formativos, ressaltando as diretrizes que orientam as práticas extensionistas.

A primeira delas se deu a partir de um relato feito por um dos graduandos na reunião de equipe. A segunda foi registrada a partir de uma ida dos alunos ao cinema para assistir ao filme "Narradores de Javé" (NARRADORES, 2004). A terceira foi sistematizada a partir de uma das atividades da pesquisa "Extensão Universitária na Formação Inicial dos docentes de EJA", vinculada ao Laboratório de Investigação, Ensino e Extensão em Educação de Jovens e Adultos (LIEJA). Todas as três situações se constituíram como fontes de aprendizado e possibilitam identificar a potencialidade da Extensão Universitária.

### **FACE A FACE COM A POBREZA**

Uma das experiências mais belas de assistir na Extensão Universitária é o crescimento dos alunos de graduação e o desenvolvimento deles no decorrer de sua atuação, que possibilita identificar um amadurecimento acadêmico e pessoal. A situação relatada se deu no espaço de formação continuada, que acontece todas as sextas-feiras, quando a equipe se reúne para relato, reflexão, planejamento e avaliação sobre o trabalho desenvolvido na semana; e debate sobre literatura acadêmica específica.

Em um desses encontros, após a primeira semana de desenvolvimento das atividades de alfabetização de jovens e adultos em sala de aula, Marcelo<sup>4</sup>, um estudante do curso de Pedagogia que se destacava por seu engajamento político e por suas contribuições em diferentes discussões, mostrou-se extremamente abalado. O graduando estava muito emocionado ao relatar o diálogo com uma de suas alunas, uma senhora de mais de sessenta anos, que era uma das responsáveis pelo sustento de sua família.

Segundo Marcelo, a alfabetizanda realizava uma série de trabalhos manuais para colaborar com a renda familiar e ajudar a sustentar os três netos. O fato de voltar a estudar era um grande desafio não só pelas dificuldades do processo

<sup>4</sup> Utilizaremos um nome fictício para preservar a identidade do aluno extensionista.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.38734

pedagógico em si, mas, acima de tudo, porque isso implicava destinar para o estudo parte do tempo que utilizava para garantir sua sobrevivência e a de seus familiares.

Durante o encontro formativo, Marcelo buscou mobilizar os outros extensionistas para a montagem de uma cesta básica, para que pudesse levar para a alfabetizanda. Com lágrimas nos olhos, o graduando disse que a ação extensionista possibilitou que ele ficasse face a face com a desigualdade social, que ele tanto denunciava, e que isso havia modificado o seu modo de olhar o mundo. Com Silveira (2007), vemos que:

há um elemento central que precisa ser valorado em tempos de superficialidade, volatilidade nas relações e profunda indiferença ao Outro, em especial quando este é pobre ou ainda, para alguns, "perigoso". Trata-se da disponibilidade pessoal em investir tempo, aprendizado e energia no sentido de efetivar aproximação real com parcelas das classes trabalhadoras, na perspectiva de deciframento de parte de seu modo de vida visando a ser assumido o desafio de alfabetizá-las, ou ainda instigá-las a ampliar o parco universo cultural e de visão do mundo e da vida que a sociedade burguesa a elas intenta delimitar. (SILVEIRA, 2007, p. 22)

A discussão suscitada pela reação de Marcelo, aliada às reflexões trazidas por Silveira (2007), convidam-nos a refletir sobre a diretriz da Extensão Universitária que versa sobre o Impacto na Formação do Estudante. Estar nos espaços de comunidades pobres, aproximando-se efetivamente do modo de vida dos sujeitos com os quais desenvolvíamos a ação extensionista contribuía para a ampliação do universo que Marcelo trazia como referência e o colocava frente a questões contemporâneas, marcadas pela desigualdade social, que tem profundas raízes em nosso país.

Nas reuniões de equipe, em debates posteriores, era possível identificar uma mudança de postura do graduando, um amadurecimento pessoal, teórico e metodológico. Através da ação desenvolvida, ele parecia imprimir um movimento de aproximação real, de busca de aprender com o outro e aprofundar a Interação Dialógica.

Ousamos afirmar que a experiência vivida impactou a formação do estudante e contribuiu de maneira significativa para a sua identidade pessoal e profissional. Por outro lado, o movimento de Marcelo nos auxiliava também a reafirmar o compromisso ético e solidário do trabalho da universidade pública com os demais setores da sociedade.

### **"Cinema é muito diferente de televisão"**

As muitas experiências vividas na Extensão Universitária permitem visualizar os impactos e as transformações sociais. No caso do Programa Integrado da UFRJ



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.38734

para a Educação de Jovens e Adultos, a ação alfabetizadora se pautava por um processo formativo que envolvia de forma explícita dimensões humanas e políticas e produzia processos de subjetivação nos sujeitos envolvidos.

Nesse sentido, um dos projetos implantados no ano de criação do Programa foi "Novos experimentos no campo da cultura: ampliando outros sentidos para a vida social". O projeto atuava com um duplo movimento: valorização da cultura local e ampliação do universo cultural, a partir do acesso a diferentes aparelhos culturais.

Nas comunidades, buscávamos realizar oficinas em que discutíamos o conceito de cultura e as diferentes expressões culturais presentes naquele espaço. Desenvolvendo uma abordagem a partir da perspectiva freireana, que entende cultura como toda atividade humana, em seu esforço criador e recriador para transformar o mundo e estabelecer relações de diálogo com outros seres humanos.

E destacando, por exemplo, que são considerados cultura tanto os pequenos hábitos do cotidiano, costumes e crenças, como as obras de arte presentes no Museu da Maré ou repentes, músicas e cordéis construídos por alguns deles. As oficinas buscavam, assim, desconstruir a ideia de que na favela não há cultura e reafirmar o papel de cada um deles na construção de nossa história.

Por outro lado, as atividades que tinham como previsão a ampliação do universo cultural traziam como objetivo a ruptura com a interdição de alguns espaços da cidade, onde os alunos não acessavam por acreditar que aquilo não estava destinado a eles.

Para as visitas aos equipamentos culturais, partíamos da leitura crítica do espaço da cidade e priorizávamos a discussão sobre as desigualdades na distribuição de equipamentos e serviços culturais no contexto urbano. As ações buscavam reafirmar a cultura como um direito de todos, previsto no artigo 215 de nossa Constituição de 1988: "O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais" (BRASIL, 1988).

No movimento de efetivação desse direito, realizávamos contato com diversos equipamentos culturais na busca de gratuidade do ingresso, para que pudéssemos levar os alunos jovens e adultos das classes de alfabetização. O cinema Odeon foi um dos espaços que conseguimos acessar para assistir ao filme "Narradores de Javé" (NARRADORES, 2004). A história do filme trazia elementos para o posterior trabalho nas turmas, mas o próprio acesso ao cinema já se configurava como um elemento de muito aprendizado.

Nessa visita, duas questões mereceram destaque. Uma delas foi o depoimento de alguns dos alfabetizados ao dizerem que, pela primeira vez, desde que chegaram do Nordeste, estavam circulando pela cidade. As marcas das mãos que usaram para apoiar o rosto e olhar pelo vidro para melhor ver a cidade eram evidentes nas janelas do ônibus. O espanto de alguns com a paisagem, que só viam pela televisão, causou a admiração da equipe de Extensão. Muitos dos graduandos



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.38734

custaram a acreditar ser possível que alguém vivesse durante tanto tempo na cidade do Rio de Janeiro sem por ela circular.

A outra questão foi a corrida de Seu José quando as portas do cinema se abriram. O fato de ser idoso não impediu que ele corresse de maneira desesperada para dentro do cinema. Posteriormente, quando indagado sobre o porquê de tanta correria, ele nos disse que estava com medo de que alguém sentasse na frente dele e o impedisse de ver o filme. Finalizando, Seu José disse que uma coisa importante ele aprendeu com a visita: cinema não é a mesma coisa que televisão, pois seu pescoço ficou duro por ter sentado na primeira fileira.

Apesar de o roteiro do filme dialogar muito com situações existenciais dos alunos, mostrando a importância social atribuída à leitura e à escrita, a atenção maior estava voltada para o fato de terem estado naquele espaço. Muitos alunos chegaram a verbalizar que achavam que peessoas como eles não pudessem circular por aqueles lugares e, agora que viram ser possível, voltariam lá com os familiares. A discussão que havíamos preparado para realizar nas classes de alfabetização sobre o filme acabou sendo substituída pela temática sobre o direito aos espaços da cidade, que envolve também, e fundamentalmente, o direito à cultura e ao lazer.

Nas reuniões de equipe, ao refletirmos sobre as discussões desenvolvidas nas classes de alfabetização, percebemos como as ações que visam à ampliação do universo cultural dos educandos possibilitavam dialogar com a diretriz da Extensão Universitária Impacto e Transformação Social.

O FORPROEX, ao fazer referência a essa diretriz, reafirma a atuação transformadora da Extensão Universitária e indica que a ela deve ser desenvolvida com vistas a ser “voltada para os interesses e necessidades da maioria da população e propiciadora do desenvolvimento social e regional, assim como para o aprimoramento das políticas públicas” (FÓRUM, 2012, p. 35).

Na situação relatada, pudemos identificar a mudança de atitude dos alfabetizando na apropriação dos espaços da cidade. Alguns chegaram a levar fotos deles com seus familiares retornando ao equipamento cultural visitado e dizendo que, agora, percebiam que podiam adentrar aqueles espaços. Identificamos também mudanças no olhar da equipe de Extensão Universitária sobre as atividades desenvolvidas que visavam à valorização da cultura local e à ampliação do universo cultural, redimensionando objetivos e abordagens didáticas.

## **O QUE NOS REVELAM AS FALAS DOS EXTENSIONISTAS SOBRE O PAPEL DA EXTENSÃO**

Na perspectiva de aprofundar o diálogo entre as ações extensionistas desenvolvidas e as diretrizes da Extensão Universitária, trataremos, a seguir, reflexões sobre a atividade realizada na pesquisa desenvolvida sobre o papel da extensão universitária na construção da identidade do docente da Educação de Jovens e Adultos, que trouxe à tona a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.38734

Para a realização da pesquisa, que se constituiu a partir de uma abordagem qualitativa, utilizamos diferentes procedimentos metodológicos: revisão de literatura, registros nos cadernos de campo, observação e participação nas classes de alfabetização e registro das rodas de conversa entre ex-extensionistas e alunos da pós-graduação em EJA.

Os relatos que trazemos agora foram sistematizados a partir das rodas de conversas. Escolhemos um dia em que desenvolveríamos atividades com os alunos do Curso de Especialização Saberes e Práticas da Educação Básica – Ênfase em Educação de Jovens e Adultos (CESPEB-EJA) e convidamos os ex-extensionistas que atuaram como alfabetizadores para participar de uma roda de conversa sobre a experiência vivida na Extensão, solicitando que falassem dos momentos que marcaram sua formação docente.

Assim, várias temáticas foram postas em discussão, dentre elas, destacamos a desvalorização da Extensão nos meios acadêmicos, sua contribuição para a formação pessoal e profissional dos envolvidos e a construção de conhecimentos de forma coletiva. Abaixo, destacamos as falas de duas ex-extensionistas, que serão denominadas por letras, a fim de preservar suas identidades.

No curso de Pedagogia, a gente só vai ter contato com disciplinas de EJA no final, no oitavo e no nono período. Vai ter a Abordagem Didática e o Estágio Supervisionado. Então, a Extensão, pra mim, foi o meu lugar de formação, foi o lugar que eu conheci a EJA, eu conheci os sujeitos da EJA, as leis que regem a EJA, que dão suporte pra EJA. Um campo visto por muitos professores como "ralezinho". Muitos professores universitários não querem trabalhar com a Extensão, por uma série de questões. (Extensionista C)

Ah, gente, esse programa (de extensão), ele... mexe comigo assim... da ponta da cabeça, do primeiro fiozinho cacheado até a unha do dedinho, porque todas as experiências que eu passei aqui me fizeram crescer pessoalmente, profissionalmente principalmente. Na verdade, eu não sei o que é principalmente, se pessoalmente ou profissionalmente, mas, de todas as formas, contribuiu bastante para que hoje eu tivesse a minha formação de professora e a experiência, que acho que a experiência é uma das palavras cruciais (...). O Programa Integrado de extensão, ele permite que a gente se envolva sim com as comunidades, de uma maneira não só que seja proveitoso para a comunidade, mas pra gente, na nossa formação, por isso que eu acredito que a crítica da C é válida, pois, apesar da extensão ser o "patinho feio", ela deveria ser muito mais recompensada, melhor vista, porque ela realmente permite essa troca em diversos níveis. Não só com os alunos nas comunidades, com os professores que estão lá pra orientar a gente, não só entre nós, nossos colegas, mas esse conjunto todo agrega bastante. (Extensionista V)



A fala de C aponta para a contribuição que a Extensão pode trazer ao promover a aproximação de temas presentes no currículo que só apareceriam no final do curso, já no início da graduação. No caso específico do curso de Pedagogia, quando o aluno tem a possibilidade de atuar com a Educação de Jovens e Adultos anteriormente à matrícula nas disciplinas específicas dessa modalidade de ensino da Educação Básica, ele pode cotejar a experiência vivida e o acúmulo teórico construído na Extensão com as discussões das disciplinas.

É importante ressaltar que, no período em que a extensionista fez o curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da UFRJ, a Extensão Universitária ainda não estava integralizada no curso, e que sua inserção era um acréscimo à formação, pois não atribui créditos, nem carga horária ao currículo. A inserção da Extensão no currículo da Pedagogia se deu pela necessidade de atendimento ao Plano Nacional de Educação (2014-2024) e à resolução CEG nº 02/2013 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2013), citados anteriormente.

Frente à exigência da extensão no currículo, a Faculdade de Educação (FE) constituiu uma comissão com o propósito de avaliar o currículo do curso de Pedagogia e propor os ajustes curriculares necessários para atender ao que foi indicado pelos dois documentos.

A comissão era constituída por representantes dos segmentos da universidade – oito docentes, três técnicos-administrativos e dois discentes –, na busca por incorporar distintos segmentos da comunidade acadêmica ao processo de construção da proposta de ajustes curriculares.

Após ser sistematizada pela comissão e aprovada na FE, a proposta seguiu os trâmites internos da universidade e, a partir do segundo semestre de 2015, os alunos do curso de Pedagogia passaram a ter a extensão no currículo de graduação. E, também, a ter que cumprir 375 horas do currículo na equipe de execução de atividades extensionistas, sejam elas programa, projeto, curso ou evento.

Junto à comemoração dessa conquista, vem também o desafio de viabilizar ações extensionistas para os alunos, uma vez que:

Não é uma tarefa fácil transpor os muros da universidade para realizar ações extensionistas. As dimensões da universidade também são marcadas pela hierarquia, onde o ensino e a pesquisa recebem tratamento muito superior à extensão. Isso se reflete na distribuição de recursos, tanto pessoal quanto financeiro. Além disso, existem as próprias dificuldades locais das comunidades, principalmente em questões ligadas à segurança e ao aumento crescente da violência. (MOURA, 2017, p. 123-124)

Além das dificuldades internas, que marcam as relações de poder presentes na disputa de diferentes visões do papel que a universidade deve cumprir, o desafio



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.38734

da Extensão fica ainda maior quando pensamos nos alunos dos cursos noturnos. Esses, na maioria das vezes, têm seu dia ocupado com atividades no mundo do trabalho, buscando viabilizar seu sustento.

Assim, essa mudança tende a levar a universidade a repensar suas abordagens e seus sujeitos, além de reconfigurar a relação entre a universidade e os demais setores da sociedade, contribuindo para a ruptura entre a teoria e a prática e a vinculação da universidade com as questões sociais contemporâneas.

Voltando o olhar para as falas destacadas acima, podemos perceber, nas reflexões trazidas pela extensionista V, o atendimento a algumas das diretrizes da Extensão Universitária, com destaque para o Impacto na Formação do Estudante e a Interação Dialógica.

Marcada por muita emoção e engajamento, a fala de V destaca a contribuição da extensão para sua formação pessoal e profissional ao permitir que vivenciasse experiências com a profissão escolhida durante todo o curso e não somente nos espaços de disciplinas de práticas de ensino e estágio supervisionado.

Dessa maneira, a Extensão faz com que os graduandos se desloquem da posição de estudantes para a de futuros professores. Além disso, a inserção em atividades extensionistas propicia também a criação de laços com outros setores da sociedade, em especial, os espaços populares, apresentando, para muitos, uma realidade nova.

A cada dia cresce mais a produção acadêmica dos alunos extensionistas, através da formulação de trabalhos de final de curso, monografias, dissertações e teses, e também da

sistematização das ações desenvolvidas, através de relatórios, de construção de artigos e apresentação de trabalhos, em distintos fóruns de discussão, como seminários, congressos, jornadas, [que] tem possibilitado o crescimento dos alunos envolvidos, não só pelo exercício de elaboração de artigos e de apresentações, como também pela possibilidade de reflexão sobre o trabalho. (MOURA, 2013, p. 72)

As produções apresentadas trazem o diferencial de um saber encarnado, que alia os conhecimentos da área de formação aos construídos a partir de uma Interação Dialógica, que envolve graduandos, técnicos-administrativos, professores universitários e sujeitos dos demais setores da universidade, materializando assim, a Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão, ressignificando o processo formativo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Extensão Universitária se constitui como espaço privilegiado para a construção e a democratização do conhecimento, ao propiciar a ruptura com a visão



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.38734

da universidade como único espaço de construção do conhecimento e avançar para além dos muros da academia, construindo novos conhecimentos, a partir da relação de interação entre as instituições acadêmicas e os demais setores da sociedade.

A reflexão em torno das ações desenvolvidas, tendo como referência as Diretrizes da Extensão, trouxe-nos dados tangíveis e intangíveis. Dados que nos convidam a pesquisar a riqueza presente nessa dimensão da universidade, a fim de reconfigurarmos o fazer acadêmico, entendendo a necessidade de uma maior aproximação das questões sociais contemporâneas.

A Extensão Universitária permite, assim, que docentes, técnicos-administrativos, alunos de graduação e de pós-graduação participantes vejam os conhecimentos teóricos, que normalmente são produzidos na pesquisa e trabalhados no ensino, em um campo concreto de ação social. Construindo, assim, uma relação dialética entre teoria e prática que possibilita uma interação maior com a realidade social vivida pela maioria da população brasileira, enriquecendo a prática educativa e contribuindo para o desenvolvimento social.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: 9 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001**. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2001. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/l10172.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm). Acesso em: 9 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2014. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm). Acesso em: 9 dez. 2018.

CENTRO DE AÇÕES SOLIDÁRIAS DA MARÉ. **“Quem somos? Quantos somos? O que fazemos?”** – A Maré em dados: Censo 2000. Rio de Janeiro: Maré das Letras, 2003.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus: FORPROEX, 2012. Disponível em:



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.38734

<http://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2018.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 45. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

MOURA, Ana Paula Abreu Costa. Construção da identidade do docente da Educação de Jovens e Adultos: contribuições da prática de ensino e da extensão universitária. *In*: MOURA, Ana Paula Abreu; SERRA, Enio (Org.). **Educação de Jovens e Adultos em debate**. Rio de Janeiro: Paco Editorial, 2017.

\_\_\_\_\_. Processos Formativos em Educação de Jovens e Adultos presentes na Extensão Universitária. **Revista Lugares da Educação**, v. 3, n. 5, 2013.

NARRADORES de Javé. Direção: Eliane Caffé. Rio de Janeiro: Riofilme, 2004. 100 min., son., color.

ROCHA, Roberto Mauro Gurgel. Extensão Universitária: momento de intercâmbio de saberes na relação universidade sociedade? *In*: THIOLENT, Michel *et al.* (Org.) **Extensão Universitária: teoria, métodos e práticas**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Sub-Reitoria de Desenvolvimento e Extensão, 2003.

SILVEIRA, Maria Lídia Souza. Formação Humana e Política: dimensões fundamentais em projetos de educação que afirmam horizontes de nova sociabilidade. *In*: SILVEIRA, Maria Lídia Souza. **Educação Popular e leituras do mundo: distintos registros de experimentos educativos junto às classes de alfabetização**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pró-Reitoria de Extensão, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Conselho de Ensino de Graduação. **Resolução CEG nº 02/2013**. Regulamenta o registro e a inclusão das atividades de extensão nos currículos dos cursos de graduação da UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. Disponível em:  
[http://graduacao.ufrj.br/images/stories/\\_pr1/CEG/Resolucoes/CEG2013\\_02.pdf](http://graduacao.ufrj.br/images/stories/_pr1/CEG/Resolucoes/CEG2013_02.pdf).  
Acesso em: 9 dez. 2018.

*Recebido em 09 de dezembro de 2018*

*Aceito em 15 de dezembro de 2018*